

# O ENCONTRO DO JORNALISMO COM A LITERATURA NO MEIO DIGITAL: ANÁLISE DE REPORTAGENS DO SITE UOL TAB<sup>1</sup>

Beatriz Godoy Taveira<sup>□□</sup>

**Resumo:** Destacando a importância do encontro do jornalismo com a literatura nos meios comunicacionais, esse trabalho tem por objetivo observar a presença de elementos do jornalismo literário no ambiente digital. Através do estudo de caso, a partir da análise de reportagens do site Uol Tab, constata-se que as principais características do jornalismo literário são encontradas nas produções jornalísticas, descrevendo-se de que forma elas aparecem no online, tendo em vista que esse meio permite conteúdos com maiores aprofundamentos e contextualizações.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário. Jornalismo Digital. Uol Tab.

## 1 Introdução

O jornalismo literário, apesar de não ser muito conhecido popularmente, nem mesmo ser um estilo comumente explorado pela mídia, é uma das formas mais marcantes de se fazer jornalismo. O casamento com a literatura dispensa críticas ou elogios ao estilo. Ao mesmo tempo em que prende o leitor, oferecendo visões singulares e uma maior imersão em determinado tema, ele também é visto com desconfiança por quem acredita que ser literário o faz menos real ou mais romanceado. Amado ou odiado, o jornalismo literário não é exatamente novo (apesar de também poder ser conhecido como Novo Jornalismo), mas pode ser uma diferente opção para fugir dos formatos tradicionais, principalmente nos dias atuais, em que o advento da internet proliferou-se nos meios comunicacionais digitais com produções que carregam quase sempre a mesma fórmula.

Dessa forma, a importância dessa pesquisa mostra-se estar no estudo do jornalismo literário no ambiente digital. Considerando-se a estrutura dos conteúdos online, que usualmente costumam priorizar produções factuais e sem muito aprofundamento, o jornalismo literário, que tende a oferecer um panorama mais completo, contextualizado e aprofundado dos acontecimentos, torna-se um diferencial dentre as informações breves e resumidas que a web abriga. Oportuniza, por outro lado, o acesso a textos que privilegiam a qualidade, somando a realidade do fato jornalístico com a subjetividade e estética literária.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Msc. Darlete Cardoso. <sup>□□</sup> Beatriz Godoy Taveira: Email: biagodoy12@hotmail.com.

Talvez a Literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou 'imaginativa', mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma 'violência organizada contra a fala comum'. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. (EAGLETON, 2006, p. 3)

Assim, a linguagem literária oferece ao texto jornalístico não apenas uma qualidade superior na narrativa, como também permite que, através das características inerentes ao gênero, jogue luz a detalhes e particularidades dos fatos cotidianos que as matérias jornalísticas convencionais acabam por ignorar na maioria das vezes. O jornalismo literário, então, torna-se a ponte de ligação entre esses dois mundos, unindo o real e o simbólico, entregando um conteúdo não menos jornalístico, pois traz informações derivadas da realidade, e nem menos literatura, já que fala do fato, mas não deixa de lado os simbolismos e significados por trás dele.

Os bons jornalistas literários enxergam e veem também com os olhos da alma. Captam a realidade com sua inteligência racional e com seus sentimentos, com a razão e com a intuição. Então, assim, conseguem ver o invisível. Encontram a fina teia de relações que costuram a dinâmica da vida. Entendem o significado mais profundo dos acontecimentos. (LIMA, 2014, p. 21)

Tendo em vista a crescente convergência e migração dos conteúdos jornalísticos para as diversas plataformas digitais, faz-se necessária a verificação da presença do jornalismo literário dentre as publicações online. O site Uol Tab é um dos meios que se dedica à produção de matérias mais contextualizadas e aprofundadas, dando especial destaque à qualidade textual em várias de suas reportagens especiais. Por isso, a importância da pesquisa para responder à questão do encontro do jornalismo com a literatura. Por ser uma plataforma gratuita e que abrange uma variedade de temas, com diferentes abordagens, combinando o texto jornalístico com diversos recursos multimídia, o site pode ter maior propensão a explorar e introduzir as características da literatura em seus trabalhos jornalísticos.

Desse modo, essa pesquisa propõe-se a analisar três das reportagens especiais do site Uol Tab publicadas entre março e maio de 2020, sendo elas: *A Covid-19 e os sentidos* (publicada em 4 de maio de 2020); *Querer e Poder* (publicada em 18 de maio de 2020) e *Rap do Brasil Profundo* (publicada em 9 de março e 2020). A escolha dessas reportagens parte dos critérios de atualidade, profundidade e singularidade dos temas abordados. Assim, surge como problema de pesquisa: há elementos do jornalismo literário específicos presentes em reportagens no meio digital e quais? As reportagens do Uol Tab conseguem reproduzir esse gênero em suas produções textuais? Quais características da literatura podem ser encontradas nas reportagens?

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar se as reportagens publicadas no site Uol Tab contam com a presença de elementos do jornalismo literário, avaliando quais aparecem no meio digital. Nos objetivos específicos pretende-se averiguar se essas reportagens conseguem reproduzir esse gênero em suas produções textuais, bem como verificar quais características da literatura podem ser encontradas nas reportagens. Para chegar a esses objetivos, a metodologia partirá da análise das matérias acima citadas, destacando trechos que possam indicar elementos do jornalismo literário nas reportagens, distribuindo-os por tópicos correspondentes às características apontadas ao longo do trabalho.

Para essa pesquisa, usa-se a técnica do estudo de caso, com adoção dos procedimentos metodológicos qualitativos, através da análise de conteúdo. Destacamos que os critérios utilizados tanto para a coleta das reportagens, objetos de estudo, quanto para a análise propriamente dita serão informados na abertura do capítulo específico. O percurso teórico para empreender a análise passa pelas características da literatura, procurando destacar sua importância e um breve percurso histórico, pelo seu encontro com o jornalismo, que resulta nos estilos também estudados, novo jornalismo e jornalismo literário, e por fim, explora as potencialidades do jornalismo na era atual e mostra como o jornalismo literário se apresenta no meio digital.

## **2 O jornalismo e a literatura**

### **2.1 Características da obra literária**

Literatura, tem, por definição, ligação direta com a escrita. Segundo Regina Zilberman (2008), o termo deriva da palavra em latim *littera*, ‘letra’, o que torna a escrita a principal manifestação literária, apesar de não ser a única. Contudo, definir Literatura não é algo tão simples e cada autor da área segue uma linha. René Wellek e Austin Warren (2003), em seu livro *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*, propõem que uma primeira forma de tentar entender o que é Literatura é pensar nela como tudo que já foi impresso. Assim, ela poderia ser encontrada em todos os escritos da História, sejam eles científicos, históricos, informativos, poéticos, etc.

De fato, por um tempo, o conceito de Literatura abrangia diversos gêneros que hoje

não nos parece possível enxergar como literários. Terry Eagleton (2006), ao remontar uma linha histórica para compreender o processo de definição de Literatura, mostra que na Inglaterra do século XVIII, eram consideradas obras literárias os escritos que apraziam apenas uma parcela da sociedade. Conforme iam ganhando espaço financeiro e importância, a aristocracia das classes médias sentia a necessidade de refinar seus gostos e se adequar aos padrões culturais da época. Assim a Literatura se limitava muito mais a valores ideológicos e sociais do que subjetivos e estéticos. “Não era uma questão de ‘experiência sentida’, de ‘reação pessoal’ ou de ‘singularidade imaginativa’: esses termos, que para nós são hoje inseparáveis da noção de ‘literário’” (EAGLETON, 2006, p. 38).

Antônio Soares Amora (1973, p. 52) estabelece que, em princípio, a obra literária é caracterizada por seu conteúdo, que não deve ser confundido com o conteúdo das obras de Ciências Humanas e Naturais, ou seja, com um conhecimento racional e universal. Da mesma forma, Wellek e Warren (2003) destacam a importância do valor estético na Literatura, sendo uma das características fundamentais que a distingue de outros gêneros. Os objetos estéticos de uma obra literária não podem ser comparados ou igualados a obras científicas, por exemplo, até mesmo por seus objetivos diferentes. Assim, os autores definem o gênero limitando-o à arte, à literatura imaginativa.

Contudo, no passado, a Literatura percorreu um longo caminho até ser ligada à expressão artística e subjetiva. Como Eagleton (2006) mostra, a relutância em aceitar a criação imaginativa como uma obra literária válida tinha ligação direta com os valores sociais e políticos que envolviam a Inglaterra do século XVIII. Em um período de revoluções e mudanças econômicas que convertiam o país em uma nação capitalista e utilitária, o fato passou a ser privilegiado, o conhecimento racional adotado como verdade absoluta, e o imaginário foi relegado a uma posição contestável de realidade que não cabia naquele meio.

A cruel disciplina do início do capitalismo industrial deslocou comunidades inteiras, transformou a vida humana numa escravidão assalariada, impôs um processo de trabalho alienante à recém-formada classe operária e não aceitou nada que, no mercado aberto, não pudesse ser transformado em mercadoria. (EAGLETON, 2006, p. 40).

No entanto, nem todos aceitaram esse regime. A revolta da classe operária, as manifestações e repressões que passaram a tomar conta da Inglaterra foi fundamental para mudar os princípios literários da época. A calamidade das revoluções sociais somada à trivialidade dos fatos cotidianos fez com que parte da sociedade recorresse à imaginação das poesias e dos romances; o irreal passou a ser mais atrativo do que a situação real que estavam vivendo. Além disso, não foi só como uma fuga da realidade que caracterizou a literatura dessa

época, a expressão dos sentidos também era entendida como uma crítica e manifesta revolta àquele regime a que a sociedade era submetida.

A ‘criação imaginativa’ pode ser oferecida como uma imagem do trabalho nãoalienado; o alcance intuitivo e transcendental da mente poética constitui-se numa crítica viva daquelas ideologias racionalistas ou empiristas escravizadas ao ‘fato’. A própria obra literária passa a ser vista como uma unidade orgânica misteriosa, em contraste com o individualismo fragmentado do mercado capitalista: ela é espontânea e não calculada racionalmente, criativa, e não mecânica. A palavra "poesia", portanto, já não se refere simplesmente a um modo técnico de escrever: tem profundas implicações sociais, políticas e filosóficas; ao ouvi-la, a classe governante pode, literalmente, sacar o revólver. (EAGLETON, 2006, p. 41)

Em sua revisão histórica, Eagleton (2006) nos mostra que, além das definições técnicas que podem ser atribuídas à literatura, uma das formas de distingui-la é através de seu poder de transformação social, pois muitas vezes, ao longo da história, a pena foi mais forte que a espada. Dessa forma a literatura pode ser vista como um instrumento de revolução, de protestar, sob seus meios artísticos, todas as revoltas de uma sociedade, uma forma de expor, de modo subjetivo e muitas vezes implícito, todas as mazelas e agruras que atingem determinados grupos. Apesar do caráter ficcional e subjetivo, ela consegue manifestar críticas oriundas de uma realidade objetiva e nela operar modificações também. Na Inglaterra do século XVIII até os dias atuais ela é um meio importante para as reformas sociais e uma ferramenta essencial para as transformações de ideias e comportamentos.

Como foi visto, umas das principais características que distinguem as obras literárias de outros gêneros é o destaque que ela dá à estética em sua escrita. Wellek e Warren (2003, p. 9) explicam que a linguagem literária, ligada à arte, impõe uma estrutura que separa o texto da realidade. “Na nossa análise semântica podemos, portanto, reintroduzir algumas das concepções comuns da estética: ‘contemplação desinteressada’, ‘distância estética’, ‘estruturação’”. Ou seja, o texto na Literatura se evidencia pela sua contraposição à linguagem comum, sendo carregado de elementos e atributos artísticos.

Essa distinção pode ser facilmente percebida quando comparadas essas duas formas de linguagem. Enquanto uma carrega o coloquialismo da fala cotidiana, a precisão e a objetividade na forma de se passar o que quer, a outra é recheada de subjetividades e imprecisões. A linguagem literária se utilizará de recursos como descrições, associações, lembranças, e por vezes irá se comunicar de forma arbitrária e incoerente, pois seu objetivo, em alguns casos, não se encontra apenas na mensagem que ela está transmitindo, mas na forma como essa mensagem é transmitida.

Os recursos da linguagem são explorados de modo muito mais deliberado e sistemático. Na obra de um poeta subjetivo, temos manifesta uma ‘personalidade’ muito mais coerente e onipresente do que a das pessoas como as vemos em situações

cotidianas. Certos tipos de poesia usarão o paradoxo, a ambiguidade, a mudança contextual de significado, até mesmo a associação irracional das categorias gramaticais, como o gênero ou o tempo, de modo inteiramente deliberado. A linguagem poética organiza, comprime os recursos da linguagem cotidiana e, às vezes, até comete violência contra ela, em uma tentativa de forçar a nossa consciência e atenção. (WELLEK e WARREN, 2003, p. 9).

O propósito dessa escrita trabalhada artística e esteticamente é ressaltado pelos autores como uma tentativa de despertar no leitor uma visão mais complexa e profunda daquilo que está sendo apresentado. Seu texto, como todos os outros, tem uma estrutura e uma forma, mas ele pretende fazer mais do que apenas comunicar, ele também intenta provocar, persuadir, influenciar e modificar o comportamento daquele que está lendo. Amora (1973, p. 53) aponta que o escritor, diferente do homem comum, possui uma linguagem mais rica e variada, pois ele “sente a existência com mais sensibilidade, vê as coisas com mais acuidade, pensa os problemas da vida com mais inteligência; e a quem tem mais o que dizer, diz com mais palavras e em mais completa expressão”.

E ele expressa esses sentidos através de um conteúdo majoritariamente ficcional. Apesar de baseada em uma determinada realidade, a maioria das obras literárias, são, muitas vezes, derivadas da imaginação do autor. “O ‘eu’ do poeta é um ‘eu’ ficcional, dramático. [...] Ele é feito apenas das sentenças que o descrevem ou que são colocadas na sua boca pelo autor. Ele não tem nenhum passado, nenhum futuro e, às vezes, nenhuma continuidade de vida” (WELLEK e WARREN, 2003, p. 10-11). Ainda que imaginárias, as obras são fruto de uma percepção de mundo, com inspirações em situações e personalidades que têm origem no real.

Assim, a literatura expressa uma realidade específica de quem a escreve. Uma poesia ou romance, mesmo que sejam ficcionais, contém impressa em suas páginas uma parcela das bagagens e experiências vividas pelo escritor. Trata-se de um conhecimento intrínseco, uma percepção subjetiva daquele mundo real que é captado e representado por uma “visão interior”, uma versão sentida dos fatos que, somados ao poder de criatividade imaginativa do autor, dão vida a uma obra que carrega elementos da realidade nas entrelinhas de sua história ficcional.

Uma obra literária apresenta-se a nós, em princípio, como uma realidade concreta, que lemos, que ouvimos (quando expressa a viva voz) e a que assistimos (quando representada); mas se bem pensarmos, essa realidade concreta é apenas a forma da obra, isto é, sua expressão, porque seu conteúdo, ou aquilo que ela expressa, é uma realidade abstrata, que existiu no espírito do autor (ou está existindo, no caso do improvisador) e passará a existir no espírito dos seus leitores, auditores ou espectadores. (AMORA, 1973, p. 57).

Dessa forma, a realidade que existe para o escritor, passa a existir, ou pelos menos ser entendida, também para o leitor. Exposta pela ótica do autor, mesmo com distorções e mudanças derivadas da sua imaginação, é possível compreender aquela realidade que está sendo

expressada. Incorporando essa visão do outro, entrando em contato com uma realidade que lhe é, muitas vezes, estranha, é possível despertar a reflexão, e até mesmo a conversão no espírito do leitor a respeito daquilo que lhe está sendo apresentado. Apesar disso, ao ler uma obra, o leitor pode acolher ou não essa nova realidade, e com base em suas próprias visões e experiências de mundo, interpretá-la, muitas vezes não da forma como o escritor espera. “O autor cria a obra e o leitor a recria” (AMORA, 1973, p. 121). Assim a obra literária passa a ter diversos sentidos e significados para quem a lê, nunca sendo entendida de uma mesma forma unanimemente, pois, uma vez que uma obra é lida, no que se refere a sua interpretação, ela deixa de ser do escritor e passa a ser do leitor.

## 2.2 Encontro do jornalismo com a literatura

No passado, antes mesmo do jornalismo ser considerado uma profissão propriamente dita, os jornais eram compostos quase que inteiramente por literatura. Felipe Pena (2006, p. 32) reconstitui esse período lembrando que no século XIX a maioria das publicações divulgadas nos meios de comunicação eram produzidas por escritores. “Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado”. A junção do útil ao agradável deu então origem a um novo gênero literário, o folhetim, que consistia na publicação de capítulos de romances na imprensa diária. Essa combinação foi uma das primeiras manifestações literárias no jornalismo, o que favoreceu ambos os lados. “O folhetim democratizou a cultura, possibilitando o acesso do grande público à Literatura e multiplicando o número de obras publicadas” (p. 31).

Essa aliança, porém, aos poucos foi se desmanchando e acabou em meados de 1950 com a adoção da técnica da pirâmide invertida (estratégia de construção de matéria em que as principais informações estão logo no início do texto e as informações são colocadas em ordem decrescente de importância) e com a valorização do texto objetivo. “O jornalismo passou a ser visto como a técnica do texto urgente, às vezes apressado e quase sempre pobre, muito distante da aura artística da atividade literária” (BELO, 2019, p. 32). Com o passar do tempo a literatura foi se afastando cada vez mais do jornalismo e as palavras de ordem que vigoram na maioria das redações até os dias atuais são precisão e concisão. Junto com a literatura, as características estéticas, narrativas descritivas e a emoção, elementos que compunham os textos jornalísticos literários, também foram excluídos das páginas dos jornais.

O jornalismo industrializado oferece, portanto, informações ditas objetivas e claras para serem consumidas por leitores obedientes, resignados, submissos, semimortos.

Se os chamo de semimortos é porque um leitor que quer ler notícias claras e objetivas é um leitor sem desejo, sem paixão, um leitor que não quer envolver suas emoções, suas experiências, sua subjetividade, no ato de leitura. (DRAVET, 2005, p. 87)

A observação de Dravet elucida um pouco da perda que o jornalismo sofreu com essa separação, pois, ao presumir que seus leitores não se interessam por textos com envolvimento e profundidade, os jornais estão deixando de lado o potencial cultural e educacional que a literatura pode acrescentar ao jornalismo. Como um dos principais meios de influência de opiniões, ideologias e comportamentos, a mídia possui uma responsabilidade de não apenas informar, mas também instruir e guiar. O jornalista, na posição de porta-voz da sociedade e difusor de conhecimento, carrega o papel de transmitir os fatos e dar sentido a eles, de fazer com que sejam compreendidos dentro do contexto que os conectam. “O jornal poderá ter, por isso mesmo, uma maior relevância e influência na sociedade do que a obra literária, isto devido à credibilidade que transmite, ao conhecimento que retém, ao alcance social que possui e à soma das responsabilidades do próprio autor – o jornalista” (FARIA, 2011, p. 15).

É por esse compromisso em informar e educar que o jornalismo precisa da literatura, já que é por meio dela que ele busca recursos para traduzir as complexidades do fato, para transmitir significados aos acontecimentos e desvendar o que está invisível nas incursões do dia a dia. “Ao adotar um estilo próximo do literário que o jornalista consegue proporcionar, em simultâneo, não só reflexão, mas também entretenimento e prazer ao leitor – neste caso, o prazer que advém da leitura” (FARIA, 2011, p. 13). O compromisso do jornalismo com o real, que o instiga a retratar os eventos da forma mais fiel, e a subjetividade da literatura, que provoca reações e desperta conhecimentos intrínsecos, é o casamento perfeito para tentar compreender ou ao menos motivar a reflexão a respeito das particularidades e ambiguidades que rodeiam nosso cotidiano.

A literatura é, portanto, um dos bastiões mais poderosos da comunicação de massa em que ainda se pode acreditar. O jornalismo não pode suplantar a informação contida nas narrativas literárias para se tornar a única fonte de cultura de uma massa considerada inculta e por isso menosprezada. Ao contrário, precisa beber na fonte literária para educar o leitor semimorto, abandonado à sua própria sorte pela indústria da informação. Porque as palavras nos servem para conceber, comunicar, pôr em comum, idéias mas também impressões; para provocar sentimentos, despertar interesse, sugerir reflexões, refletir sobre todas as coisas. É para isso que criamos e recriamos seus sentidos, todos os dias, por toda a parte. (DRAVET, 2005, p. 90)

A escrita sempre foi a matéria-prima do jornalismo, não à toa muitos escritores consagrados nacional e internacionalmente começaram sua carreira como jornalistas. O jornalista é, antes de tudo, um escritor, um contador de histórias, histórias da vida real, de pessoas reais e, portanto, limitar o insumo de seu trabalho é tirar parte da essência de sua função.

Dessa forma, o encontro do jornalismo com a literatura, dentre outras formas, se dá pela palavra, pelo seu significado, pela sua disposição e pelo o que ela pretende transmitir. É a partir da palavra, da escrita, que o jornalismo assume sua responsabilidade de transformação, como alude Juremir Machado da Silva (2005, p. 51): “o jornalista/escritor faz dos venenos remédios e viceversa. Cada palavra é uma sentença. De morte ou de vida”.

### 2.3 Novo Jornalismo

Em 1960 rompe nos Estados Unidos um movimento que irá revolucionar as formas de se fazer jornalismo até então. O Novo Jornalismo surgiu justamente da insatisfação de muitos profissionais da área com o modo burocrático de produzir a notícia, da prisão que muitos consideravam ser a técnica da pirâmide invertida e do texto objetivo e “impessoal” que não permitia liberdades narrativas. O jornalista e escritor Tom Wolfe, considerado um dos precursores do movimento, remonta em seu livro, *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, o espírito de revolução e descoberta que permeou o advento do estilo na época.

Wolfe (2005, p. 13) relembra que nos anos que antecederam o surgimento do Novo Jornalismo a ambição da maioria dos jornalistas era se promoverem a escritores. O jornalismo era visto como um tipo de escola para a escrita, no qual os profissionais da época ingressavam apenas para pagar as contas, acumular vivências e aperfeiçoar seus textos. “Depois, em algum momento, demitir-se pura e simplesmente, dizer adeus ao jornalismo. [...] O triunfo final era conhecido como *O Romance*”. O autor compara o lançamento de um livro, que possa consolidar a carreira de escritor, com um grande golpe de sorte, almejado por muitos e alcançado por poucos.

No entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa idéia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da statusfera das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance. Era a mais sincera forma de homenagem a *O Romance* e àqueles grandes, os romancistas, claro. Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento de que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre (...). Nunca sonharam com a ironia que vinha vindo. Nunca desconfiaram nem por um minuto que o trabalho que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento da literatura. (WOLFE, 2005, p. 19)

É com essa aura de novidade inusitada que começa a despontar as primeiras manifestações do Novo Jornalismo. O fervor do acontecimento se encontrava na ideia incomum de acrescentar atributos literários as reportagens, enriquecer a narrativa jornalística com as

técnicas estéticas do romance e retratar os fatos do dia a dia concedendo a subjetividade da literatura. O Novo Jornalismo possui esse caráter revolucionador precisamente pela sensação de liberdade criativa e textual que ele incute no jornalista. Felipe Pena (2006, p. 54) observa que, no movimento, os profissionais da imprensa “não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação”.

Assim, as principais características do Novo Jornalismo são importadas da literatura, como dialogismos, descrições de cenas, reconstrução dos acontecimentos apresentados pelo olhar do personagem, relato de ambientes, hábitos e personalidade dos personagens, etc. bem como a autonomia de explorar diferentes recursos. Wolfe (2005) cita em seu livro a adoção de diversos métodos em suas narrativas, como a adaptação do sotaque de determinado personagem retratado para o restante do texto, a representação simultânea de diferentes pontos de vista em uma mesma reportagem, intervenções linguísticas de uso exagerado de pontuações e figuras de linguagem, entre outros.

Nessa nova fase do jornalismo todos os recursos e narrativas eram permitidos com o objetivo de despertar o interesse do leitor estimulando seu emocional e intelectual. A única limitação estava na criatividade e na habilidade do autor em usar esses recursos da forma certa, como destaca Pena (2006, p. 55), “só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor”. Apesar da liberdade de criar narrativas de todas as formas imagináveis pelo jornalista, ele ainda tem firmado seu compromisso com os fatos, mesmo quando romanceados, devem ser reais. O que pode parecer uma limitação para uns, para outros é esse predicado que lança o Novo Jornalismo como um gênero ainda mais extraordinário.

O resultado é uma forma que não é meramente *como um romance*. Existe o uso de recursos que tiveram origem no romance mas se misturam com todos os outros recursos conhecidos da prosa. E o tempo todo, bem além das questões de técnica, existe uma vantagem tão óbvia, tão interna, que quase se esquece o poder que ela tem: o simples fato de o leitor saber que *tudo aquilo realmente aconteceu*. As renúncias foram apagadas. O biombo desapareceu (WOLFE, 2005, p. 57).

Ainda assim, os praticantes do novo movimento receberam diversas críticas, tanto dos colegas de profissão, quanto dos escritores e críticos literários. Nas palavras de Wolfe (2005, p. 62), “superficial”, “efêmera”, “mero entretenimento” e “moralmente irresponsável” foram os mais comuns julgamentos delegados ao Novo Jornalismo e que, coincidentemente, também foram concedidos ao próprio romance nos séculos XVIII e XIX. Independentemente dos argumentos contra o movimento, o Novo Jornalismo prosperou, deixando um legado de

obras e autores consagrados e, por ser um dos propulsores do Jornalismo Literário, atrai admiradores até os dias atuais.

## 2.4 Jornalismo Literário

Em uma das definições de Jornalismo Literário, o jornalista e escritor Edvaldo Pereira Lima (2014, p.11) descreve-o da seguinte maneira: “Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente”. Desde que a técnica da pirâmide invertida começou a ser difundida, textos longos e aprofundados passaram a ser cada vez mais raros na maioria dos veículos de comunicação. Apesar disso, na contramão das notícias rápidas e curtas que povoam os meios comunicacionais, principalmente a internet, o Jornalismo Literário é um alento para o público que aprecia e sente falta de leituras com profundidade.

Narração dos acontecimentos, descrições pormenorizadas, destaque aos detalhes, transformação de fontes em personagens e atribuições estéticas ao texto são algumas das características do Jornalismo Literário. Alguns podem pensar que conceder ao texto jornalístico aspectos literários vai de encontro ao propósito do Jornalismo de narrar fatos com objetividade. Porém, a literatura não faz o jornalismo menos real, e sim ajuda a ressaltar as complexidades de determinadas realidades. Ao transformar um acontecimento ou a história de algum personagem em uma narrativa literária, o jornalista, inspirado na realidade daqueles fatos, está humanizando, aproximando e descortinando sentidos e significados que de outra forma o leitor talvez não tivesse acesso.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformando-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 21)

O jornalismo literário procura desvendar o que está nas entrelinhas das notícias cotidianas e submergir quem está lendo em temas em que usualmente se tem apenas um contato superficial. Lima (2014, p. 15) destaca que ao produzir uma matéria jornalística literária, o repórter pretende fazer com que o leitor vivencie o que ele presenciou, retrata as pessoas e reproduz os eventos com vivacidade e dinamismo. Mais do que contar o que ocorreu e passar

as informações, ele mostra, fazendo com que o leitor se sinta parte da cena e permite que “passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata”.

Com essa imersão é possível compreender melhor aquilo que está sendo transmitido, enxergando os fatos sob uma visão mais intimista e idiossincrática. Ao descortinar mundos e contextos, que por vezes são ignorados ou não tão explorados pela mídia, o repórter está permitindo o encontro com o outro, que, quando não gera o impacto do novo e diferente, produz uma identificação daquilo que sempre foi conhecido, mas que nunca foi mostrado e jogado à luz. Assim, o jornalismo literário procura entender e desvendar os fenômenos humanos e sociais que entornam nosso cotidiano, unindo os laços que conectam pessoas de diferentes realidades e atribuindo significados e simbolismos a fatos que aparentemente se mostram banais.

No final das contas, acaba prevalecendo uma nova realidade, pois ela sempre é socialmente construída, seja pela linguagem, pela cultura ou pelas forças políticas e sociais. Na maioria das vezes, por todos esses fatores juntos. Não existe um real acabado, definitivo, que seja a expressão absoluta da verdade. Estamos sempre construindo o cotidiano, inserindo novos dados e novas interpretações que alteram nossa cognição sobre o mundo que nos cerca. (PENA, 2006 p. 114)

Ainda que o texto jornalístico trabalhe com elementos literários e importe técnicas da literatura para construir sua narrativa, ele sempre terá como matéria prima a realidade. Trabalhar com fatos continua sendo um princípio imutável do jornalismo independente do estilo textual. Para ser literário, o jornalismo não precisa ser ficcional, pois não se trata de mudar a realidade ou dramatizar os eventos, trata-se da forma como esses eventos serão narrados. Eduardo Belo (2019, p. 123) resume essa condição ao dizer que “a informação tem de estar lá, mas o modo como ela se apresenta não precisa constar de nenhum manual. O importante é que ele cumpra sua função”. Apesar de apoiado no real, o jornalista literário não pretende tentar fingir uma imparcialidade ou mascarar sua visão dos fatos, ele tem mais liberdade e desapego para deixar fluir sua criatividade e particularidades na hora de redigir seu texto.

Ao contrário das amarras e limitações que são pregadas no jornalismo convencional a respeito de sua objetividade, o literário liberta o autor para ter autonomia para explorar sua subjetividade. Entendendo a utopia das verdades absolutas e assumindo as contradições e versões fragmentadas em que os fatos são construídos, o jornalista se utiliza dessa ambiguidade e incerteza sobre as complexidades que cercam os acontecimentos para transmitir autenticidade. “O repórter é um escritor, portanto autor. Antes de tudo, porém, é um ser humano. Como tal, tem sentimentos, comove-se com as coisas que vê, tem reações como todo mundo” (LIMA, 2014, p. 23).

Reações essas que aproximam o leitor, que fazem com que ele compreenda melhor determinada realidade e que por fim possa entender e modificar um pouco da sua própria. A ideia de que atualmente o público tem preferência por textos curtos, que não exijam muito tempo nem atenção, cai por terra quando se pensa no potencial que o jornalismo e a literatura, combinados, tem para transformação social e pessoal. Pessoas gostam de ler sobre pessoas, identificar-se com histórias e situações reais, conhecer mundos e visões diferente, atribuir significados e descobrir sentidos ao que sempre pode ter lhe passado despercebido, ideia que Lima (2014, p. 24) resume destacando que, “ao darmos destaque às pessoas, conseguimos com que o leitor se identifique com elas. Isso é o que atrai à leitura”. Assim, quem aprecia boas histórias e textos de qualidade irá ler uma longa reportagem pelo mesmo motivo que lê um bom livro com mais de 100 páginas.

## 2.5 Jornalismo literário no meio digital

A internet revolucionou a forma de se comunicar, a maneira como recebemos e transmitimos mensagens vem se transformando a cada evolução tecnológica. O jornalismo vem acompanhando todas essas mudanças e, apesar das controvérsias que essas modificações provocam entre os profissionais da área, é difícil encontrar hoje em dia um meio de comunicação que não tenha se adaptado a uma versão on-line. O fato é que, para o bem ou para o mal, o meio digital tem se mostrado um fértil terreno para explorar as potencialidades que a produção noticiosa pode atingir.

Os jornais impressos, os meios mais afetados com o advento tecnológico, em uma tentativa de evitar sua extinção e driblar a crise converteram suas edições parcial ou totalmente para o digital. Por essa razão, o texto é o principal componente da maioria das produções jornalísticas encontradas na Web. João Canavilhas (2014, p.10) acentua que a palavra “texto”, que ascende de “textum” que significa tecido ou entrelaçamento, traduz a aplicação desse recurso no ambiente digital. “O texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links)”.

Para Canavilhas (2014), mais do que um aglomerado de palavras e frases organizadas sob determinadas regras, o texto on-line se transforma no que ele qualifica como um hipertexto, ou seja, um texto organizado de forma a oferecer ao leitor vários caminhos de leitura. Mas não só no formato a escrita jornalística ganha mais liberdade no meio digital, as maneiras de comunicar uma mensagem também se expandiram. O multimídia, entendido por

Ramón Salaverría (2014, p. 36) como uma forma de expressar um conteúdo através de vários tipos de linguagem associadas simultaneamente, permite que uma matéria seja articulada por meio de diversos recursos além da usual leitura estática e afincada.

Compor eficazmente uma mensagem multimídia implica coordenar tipos de linguagem ou formatos que tradicionalmente se manipulavam em separado. De facto, até há bem pouco tempo, a escrita, a linguagem fotográfica, a criação sonora e a narrativa audiovisual seguiram caminhos independentes. Escritores, fotógrafos, músicos e cineastas utilizavam respetivamente a linguagem própria do seu meio e raramente aparecia alguém que, ao estilo de um Leonardo da Vinci do nosso tempo, explorasse todos os tipos de linguagem em simultâneo. E isto não acontecia apenas por razões de dificuldade técnica; acontecia, também, porque não existia nenhuma plataforma que permitisse a integração de vários tipos de linguagem numa única mensagem. Com a chegada da internet surgiu, porém, uma plataforma que oferecia a possibilidade de combinar simultaneamente múltiplos formatos comunicativos. (SALAVERRÍA, 2014, p. 38)

Assim, o jornalista, além de obter mais liberdade para representar determinado tema, também consegue explorar os sentidos dos leitores e facilitar a compreensão e recepção da reportagem, uma vez que recursos gráficos, visuais e sonoros ajudam a tornar o texto mais dinâmico e palpável. Com esse vasto campo de possibilidades, o jornalismo digital conta principalmente com a criatividade e habilidade dos jornalistas para suas produções. Com custos e mão de obra bem mais reduzidos, o meio digital abriga profissionais, que, além de possuir aptidão textual, também precisam dominar técnicas e ferramentas multimídias. Para João Canavilhas (2014), o sucesso do webjornalismo está ligado à qualidade de seus conteúdos que devem procurar se utilizar ao máximo de todas as características disponíveis no meio.

A organização característica dos meios tradicionais (oferta de informação hierarquizada pela ordem de importância, na perspectiva do jornalista) não funciona no online: neste meio, os leitores procuram mais informação sobre os aspetos da notícia que lhe interessam. Assim, o mais importante passa a ser a oferta de uma notícia com todos os contextos necessários, sem perder a homogeneidade global do trabalho. (CANAVILHAS, 2014, p. 19)

Com o crescimento desse “novo” meio de comunicação, a internet se abarrotou de conteúdos jornalísticos dos mais variados. Da notícia diária, de última hora, a reportagens especiais, com profundidade, a Web abriga conteúdos para todos os gostos e momentos. Com a generalização e facilidade do on-line, a tênue linha entre produtores e consumidores se tornou quase inexistente (já que ambas as funções podem ser exercidas pelos dois grupos de forma simultânea) e não há um assunto que já não tenha sido abordado das mais diversas formas na rede, de modo que o termo “exclusivo” já quase tenha perdido seu significado no meio jornalístico. Nessa onda de novos meios, novos formatos, novos produtores de conteúdo, o que não é novidade é a importância que um texto de qualidade tem. Assim o ambiente digital é, mais do que nunca, um profícuo local para o Jornalismo Literário.

### 3 Análise

Para analisar se há a presença do jornalismo literário nas produções jornalísticas atuais, foram selecionadas três reportagens do site Uol Tab, como informado na Introdução. A escolha se deu a partir de temas atuais, porém pouco abordados e explorados pela mídia em geral, além da verificação de um conteúdo com maiores aprofundamentos através do texto e de recursos visuais. Dessa forma, nas análises serão observados os seguintes tópicos correspondentes às características do jornalismo literário já pontuadas nesse trabalho através dos autores: narração dos acontecimentos, entendido como o contexto a ser explorado dentro do assunto, bem como as ligações dos fatos entre si; descrições pormenorizadas de cenas, personagens e diálogos; destaque aos detalhes, sendo visto como a observação e impressão do repórter acerca do que está sendo relatado; transformação de fontes em personagens; atribuições estéticas ao texto e por fim hipertextos e links, características do jornalismo digital que complementam e reforçam o jornalismo literário.

#### 3.1 Reportagem: *A covid-19 e os sentidos*

Aprofundando-se um pouco na rotina dos profissionais de saúde do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, a reportagem de Letícia Naísa (TAB.UOL, 2020) elucida sobre os sentidos percebidos em uma Unidade de Terapia Intensiva no auge da pandemia da covid-19. Publicada em 04 de maio de 2020 e dividida em três partes com os subtítulos *Olhos e ouvidos*, *Olfato e paladar* e *Toque*, cada uma apresenta e se desenrola a partir da percepção desses sentidos. A matéria traz o diferencial de apresentar seus personagens de forma singular: uma imagem de um profissional de saúde em seu local de trabalho sendo sobreposta por informações que identificam a pessoa e uma fala dela conforme a tela vai sendo rolada para baixo.

##### 3.1.1 Descrições pormenorizadas

Diferentemente das reportagens convencionais que aderem à técnica da pirâmide invertida e trazem as principais informações logo no início, *A covid-19 e os sentidos* começa seguindo os princípios da pirâmide invertida, apresentando apenas informações suficientes para situar o leitor sobre onde, quem e o que está acontecendo, e subverte se desenvolvendo com

diálogos e descrições de cenas. Na maioria dos textos jornalísticos, é usual reforçar a fala das fontes colocando-a entre aspas, aqui as conversas entre os personagens são misturadas ao texto assemelhando-se à narrativa literária.

Tom Wolfe (2005, p. 31) relembra que uma das primeiras mudanças no texto dos precursores do Novo Jornalismo, ao abraçarem os recursos literários, foram os dialogismos, a possibilidade de fazer com que o leitor pudesse se sentir integrante daquela relação entre fonte e repórter. “Gostava da idéia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, conversar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for”.

Assim, a reportagem com descrição detalhada:

*Na porta de um dos leitos da UTI do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, um grupo de mascarados debatia o que fazer com Odete\*, 66, em seu vigésimo dia de internação. Ela havia apresentado piora no quadro de Covid-19.*

*- O exame de raio-X revelou piora nos pulmões.*

*- Desculpa discordar do colega, mas eu acho... - dizia um jovem residente.*

*- Ela teve uma piora infecciosa de ontem pra hoje, então vamos tentar o seguinte... -- respondeu o chefe da UTI, Jaques Sztajnbok, 54, enumerando medicamentos.*

*Encostado na porta ao lado, um médico residente apresenta outro caso. Enquanto um falava, com voz abafada pela máscara, os outros usavam os olhos para acompanhar, concordar e discordar. Ouviam e reagiam com os olhos.*

Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 15) aponta que ao recriar cenas com diálogos, detalhes e descrições o autor intenta construir sua narrativa de modo que o leitor possa ser um observador participante do acontecimento como ele foi. “Reproduz o clima de como as coisas aconteceram, tem um dinamismo próprio. O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade”. Assim, ao invés de apenas reproduzir o que viu da cena, como se desenrolaram os acontecimentos, o repórter guia o leitor para dentro dela, para que ele possa ver por si mesmo.

### 3.1.2 Narração dos acontecimentos

Após a introdução, informações mais detalhadas vão se desenrolando através do

texto e se misturando às observações e impressões da repórter acerca do assunto. Por meio de descrições e percepções sensoriais, a jornalista nos aprofunda naquele ambiente ao mesmo tempo em que contextualiza a situação em que aquela reportagem está acontecendo. Ao abordar um assunto tão explorado como a covid-19, a reportagem não pretende nos informar sobre questões básicas a respeito do assunto, pois isso já está sendo amplamente divulgado pelos veículos noticiosos diariamente, mas ela nos oferece uma visão única e particular sobre aquele momento e espaço, como no trecho a seguir.

*Há quase dois meses, a ronda na internação do Emílio Ribas, especializado em doenças infecciosas, se intensificou. Cada leito é uma caixa de vidro. Lá dentro, o som se resume ao bipe agudo das máquinas e ao barulho do respirador. De fora não se ouve quase nada -- talvez um toque de telefone ou a água correndo para lavagem das mãos. Conversas de médico. Familiares em hora combinada, à espera de notícias.*

Lima (2014, p. 21) explica que um bom jornalista procura enxergar e captar uma realidade que está além dos fatos concretos, se valendo não apenas da razão como também da intuição, percebendo os eventos com a sua inteligência racional, mas também com seus sentimentos. “Então, assim, conseguem ver o invisível. Encontram a fina teia de relações que costumam a dinâmica da vida. Entendem o significado mais profundo dos acontecimentos”. E dessa forma, conseguir traduzir para o leitor as complexidades por trás do que lhe está sendo mostrado.

### 3.1.3 Destaque aos detalhes

A visão dos detalhes nos é transmitida pelo olhar da repórter, que não só nos leva a enxergar o que ela está vendo, como também nos guia na matéria através de todos os seus sentidos. Como o nome já diz, *Covid-19 e os sentidos* apresenta ao leitor uma imersão sensorial naquilo que está sendo retratado. Ao elucidar sobre os barulhos, cheiros e impressões percebidas dentro do hospital, a matéria também desperta todos esses sentidos em quem está lendo, e tudo isso é oferecido por intermédio da jornalista. Ao ler um texto nossos sentidos e percepções estão limitados até que o autor nos mostre o que sentir, ou seja, é a sensibilidade do escritor que fará com que o leitor veja o que ele viu, ouça o que ele ouviu e sinta o que ele sentiu, como apresentado nos dois trechos seguintes.

*Cenas como as descritas acima são praxe em UTI. Para Sztajnbok, o que mudou foi o ritmo, agora muito mais intenso. Decisões sobre cada paciente precisam ser tomadas com cautela, mas rapidamente. Não há protocolo ou tratamento padrão, apenas caminhos e incertezas. Qualquer alteração deve ser observada e anotada. Cada resposta do corpo doente, cada exame de imagem e cada som emitido fazem parte de algo que ninguém conhece bem. Não saber o que fazer é angustiante.*

[...]

*Como Sztajnbok, residentes, enfermeiros e técnicos de enfermagem também relatam problemas de sono. Por trás do rímel das mulheres ou das lentes dos óculos há uma mistura de exaustão e atenção redobrada. Cada médico é responsável por reportar o estado de saúde de seu paciente ao familiar. Os óbitos, sempre dolorosos de anunciar, afetam toda a equipe envolvida no cuidado.*

Como já visto, Lima (2014, p. 23) destaca que antes de tudo o jornalista é um ser humano, logo carrega sua própria bagagem de sentimentos e percepções. Antônio Soares Amora (1973, p. 63) distingue o escritor do homem comum argumentando que o primeiro percebe e sente o mundo com maior sensibilidade e que, portanto, possui maior capacidade de aguçar no leitor semelhante sensibilidade. Assim, ao narrar os acontecimentos o jornalista tem de ter em mente a dependência que seu público terá de suas visões e emoções, de sua percepção aguçada e sensível aos detalhes daquele evento. Na reportagem do Uol Tab podemos ver as marcas dessas impressões da repórter, que mesmo quando não transmite claramente suas percepções, sua forma de construções de texto, amparada por recursos literários faz isso por si só.

#### 3.1.4 Atribuições estéticas ao texto

Como pode-se perceber nos trechos selecionados acima, o texto da reportagem dá especial atenção à sua construção estética. Assemelha-se, portanto, à narrativa literária em diversos momentos. A repórter estabelece um elo entre os dois gêneros, procurando imprimir a realidade com traços da literatura e assim, acrescentando singularidade à produção jornalística, quando descreve o ritmo do trabalho na UTI ou o estado - *Por trás do rímel das mulheres ou das lentes dos óculos há uma mistura de exaustão e atenção redobrada* - em que ficam os profissionais. Lima (p. 18) acentua a importância de os jornalistas literários dominarem diversos

recursos narrativos, originais do jornalismo ou importados da literatura. “Escrever com estilo sobre a vida real é arte. Um tipo diferente de arte, exigindo muita habilidade”.

Por isso que, ao optar por essa construção textual, a jornalista precisa também ter a sensibilidade e habilidade para despertar no leitor os significados e sentidos subjetivos que o fato adquire quando enxergado sob uma perspectiva literária. Faria (p. 15) ainda sublinha que “o compromisso que o jornalista estabelece com o real não implica apenas objetividade, nem exclui a subjetividade ou a criatividade do trabalho feito na redação”. Assim, em *A covid-19 e os sentidos*, pode-se observar que, dentre as inúmeras possibilidades narrativas, a repórter opta por estampar uma linguagem literária, que retrata e decifra os simbolismos escondidos por trás do fato, emergindo as complexidades existentes na rotina de uma UTI em tempos de pandemia.

### 3.1.5 Transformação de fontes em personagens

Nas palavras de Eduardo Belo (2019, p. 50), “reportagem é feita de detalhes, de descrições, de revelações. Mas é também feita de gente”. Por isso mesmo que o conteúdo da reportagem se concentra em nos apresentar os personagens, seu local de trabalho, a situação em que estão vivendo, suas visões e opiniões. Dos enfermeiros até o chefe de UTI, a matéria, a exemplo dos recortes abaixo, nos familiariza com aquele ambiente e com as pessoas ali representadas, não apenas a partir das informações expressadas, como também através dos sentidos e sensações que nos permitem se colocar ou ao menos entender o lugar do outro.

*“É engraçado que a gente sente falta de coisas mezinhas do dia a dia”, reflete Sztajnbok. “No caminho do hospital, tinha sempre um menininho que vendia frutas num carrinho. Eu comprava, porque ele vendia um negócio que chama siriguela. Eu não sabia o que era siriguela e um dia ele me deu para experimentar. Aí eu fico pensando, o que foi feito dessa gente? Vejo pessoas reclamando que estão em quarentena. ‘Ai, que tédio’. Tédio? Estou falando de gente que vendia o almoço para comprar o jantar. Não encontro mais o menino por ali e penso, para onde foi?”*

[...]

*“Sinto falta de tomar café na padaria. Poder ir à casa dos amigos. Essa pandemia vai nivelar muitas coisas, a questão do egoísmo, da prepotência. As pessoas vão para mais para se auto avaliar. É uma coisa ruim, mas tá trazendo também um olhar sobre o que as pessoas estão perdendo”.*

Os recortes acima indicam que a identificação e interesse do público na leitura parte

do destaque dado às pessoas e suas histórias, posicionando-as na matéria não só como fontes para confirmar ou evidenciar as informações apresentadas, mas como personagens que nos ajudam a entender e identificar melhor determinada realidade, como pontuado, Lima (2014, p. 24). Ao resgatar nos entrevistados as coisas simples que eles sentem falta no cotidiano, a matéria nos possibilita perceber a amplitude e dimensão das mudanças que a doença causou no mundo e na vida de todos, principalmente daqueles que estão envolvidos diretamente no combate à pandemia.

Lima (2014, p. 12) ainda destaca que “comunicar pode ser entendido como um processo de transportar conteúdos factuais – os fatos concretos de um acontecimento – e simbólicos – os elementos subjetivos, como os sentimentos e as intuições”. Dessa forma, a reportagem cumpre o seu papel jornalístico de apresentar informações daquele local e situação, bem como possui o diferencial de nos mostrar uma nova perspectiva acerca de um assunto tão explorado, que humaniza os profissionais de saúde, expondo que, por trás das máscaras e do título de heróis, eles são gente como a gente, que têm vidas e familiares e que sentem falta e sofrem com o momento assim como todos.

### 3.1.6 Hipertextos e links

Não apenas a narrativa proporciona uma sensação de movimento à matéria. Um vídeo de quatro minutos no meio do texto nos leva a acompanhar momentos de um dia dentro da UTI, com imagens que traduzem alguns trechos do que estava escrito e com uma narração perceptiva da repórter, o audiovisual nos auxilia na imersão daquele assunto. Ramón Salaverría (2014, p. 39) realça o potencial que o multimídia possui para enriquecer ambas as mídias, textual e audiovisual, e aponta que o produtor jornalístico atual carrega o desafio de “contar com excelentes dotes de escritor e com grandes aptidões para a narrativa gráfica e audiovisual”.

Assim a reportagem vai intercalando esses e outros recursos visuais, que ajudam o leitor a se familiarizar e compreender o local e o trabalho dos profissionais. Para Nídia Sofia Faria (2011, p. 5), foi esse domínio de novas tecnologias que ajudou na adoção do estilo literário no jornalismo no século XX, já que “estas tendiam a ofuscar os meios de comunicação de massa tradicionais, o que obrigou a imprensa a ceder a formas literárias e de entretenimento, a fim de reconquistar a atenção dos seus leitores”.

## 3.2. Reportagem: *Querer e Poder*

No começo da pandemia da covid-19, quando a quarentena foi imposta a todos que não exerciam os serviços essenciais, ficou clara a diferença entre quem podia ficar em casa e quem não tinha opção. Publicada em 18 de maio deste ano, a reportagem *Querer e Poder* compara essas duas realidades e se aprofunda na complexa desigualdade de classes que compõe o Brasil e que se mostra ainda mais latente durante esse período. Acompanhando a rotina de duas mulheres da mesma faixa etária, uma da área da saúde e outra que trabalha com vendas online, o texto da jornalista Marília Marasciulo (TAB.UOL, 2020) pontua as divergências na rotina e vidas pessoais e financeiras das mulheres, refletindo sobre essa relação de querer e poder.

### 3.2.1 Narração dos acontecimentos, descrições pormenorizadas e destaque aos detalhes

Analisaremos as três características do jornalismo literário juntas, pois aparecem nos mesmos trechos coletados, relacionando-se entre si. Além de traçar o perfil de cada uma das personagens, à medida que o texto vai se desenvolvendo ele deixa claro as impressões e opiniões da jornalista acerca do assunto nas descrições. Nídia Sofia Faria (2011, p. 12) destaca que “a função do ‘grande jornalista’ não consistirá apenas em informação, formação e comentário impessoal, ainda que esta última expressão seja em si paradoxal. É levado a reconhecer que o texto de um bom jornalista, por vezes, fervilha com vida”. Vida que, pode ser entendida como a representação da história de um personagem, como também em relação a posição que o jornalista assume ao narrar essas histórias.

Tendo em vista o mito da impessoalidade, em todas as produções jornalísticas é possível encontrar, em mais ou menos grau, a visão e posicionamento do repórter em relação ao que está sendo retratado, com a diferença de que no jornalismo literário essa visão pode ser assumida com maior liberdade, sem tentativas de mascaramento. Apesar disso, mesmo expondo suas impressões abertamente, a reportagem conta com dados e falas de especialistas que reforçam e apoiam as afirmações expressadas.

*As marcas da classe social se traduzem nos mais diversos aspectos da quarentena. Embora todos sejam afetados pela pandemia, os pobres serão os mais atingidos pela doença e suas consequências. A começar pelo isolamento: a necessidade de ficar em casa escancarou questões mais profundas sobre temas que variam desde a nossa relação com a ciência, com outros cidadãos, até o acesso à tecnologia no Brasil.*

*O negacionismo se tornou um desafio extra no combate à Covid-19. Apesar de diversos estudos e exemplos empíricos terem comprovado a eficácia da quarentena no achatamento da curva de contágio, chefes de Estado, celebridades de ocasião e outras fontes supostamente preocupadas com a crise econômica seguem defendendo o fim da quarentena, ou o afrouxamento das regras de isolamento, para dar sustentação à economia. Poucos propõem um modelo alternativo: criticam, mas não sugerem nada para frear a pandemia.*

*Querer e Poder* ilumina aspectos da pandemia que podem passar despercebidos pela maioria das pessoas. A desigualdade e a relação de privilégio entre determinadas classes há muito tempo compõem a pauta do cenário nacional, mas ganha maior visibilidade e realce em época de pandemia, acentuando e agravando essa discrepância social. Apesar de ser um assunto amplamente discutido e abordado, podendo ser encontrado com demasiado destaque e frequência nos meios comunicacionais, a reportagem do Uol Tab traz uma nova proposta de reflexão sobre os efeitos da covid-19.

Ao oferecer aprofundamento, contextualização e ilustrar um tema que reflete uma das consequências causadas pelos impactos de um acontecimento histórico, a reportagem alcança o que Felipe Pena (2006, p. 15) designa como perenidade. “Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento do dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência”. Além disso, ao descrever determinado evento imprimindo suas impressões e sentimentos em relação ao fato, a repórter promove uma aproximação e maior semelhança com a obra literária. Terry Eagleton (2006, p. 41) destaca que o impacto que uma produção literária pode proporcionar em seu meio é uma de suas principais qualidades. “Sua tarefa é transformar a sociedade em nome das energias e valores representados pela arte”. Apesar de seu caráter ficcional e subjetivo, a literatura manifesta críticas oriundas de uma realidade objetiva e nela opera modificações também. Assim, ao unificar esses dois gêneros, jornalismo e literatura, a reportagem consegue uma potencialização dessa característica de transformação social.

### 3.2.2 Transformação de fontes em personagens

Logo de início a matéria procura deixar nítida a diferença entre as vidas das duas mulheres. Dando destaque às suas rotinas, o texto vai introduzindo elementos e informações que nos permite identificar a situação social e econômica das personagens. Apesar de a princípio

a reportagem dar a impressão de estar denotando um lado ‘certo’ e outro ‘errado’, no decorrer do texto e das informações desenroladas, vai-se percebendo que, na verdade, a intenção da repórter é ressaltar as diferenças de oportunidades entre as duas. Através da comparação do dia a dia e das mudanças que suas rotinas sofreram com a pandemia, a jornalista dá voz a essas duas classes sociais e evidencia a desigualdade que existe entre elas, como pode ser percebido nos trechos abaixo.

*Daniela é assistente administrativa em uma AMA – Assistência Médica Ambulatorial – e mora em uma casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, em São Paulo.*

*Geovana é psicóloga, tem um brechó online e mora em uma casa de três quartos, sala de TV, sala de estar, sala de jogos, sala de jantar, brinquedoteca, cozinha e cinco banheiros em Jundiaí (SP).*

[...]

*Daniela tem 43 anos. Acorda às 7h30 e toma quatro conduções para percorrer os cerca de 20 quilômetros entre Heliópolis, onde mora, e São Mateus, onde trabalha.*

*Geovana tem 40 anos. Acorda às 9h junto com os dois filhos e o marido, e coordena tudo de casa. As vendas estão um pouco paradas.*

[...]

*Daniela é responsável pela renda da família e tem três filhos.*

*Geovana virou assistente de classe nas aulas online e complementa renda com a do marido, um gerente de vendas que trabalha em esquema de home office.*

[...]

*Geovana quase não teve sua rotina alterada, mas precisa dar conta da casa e da educação dos filhos, que estão sem aulas presenciais.*

*Daniela passa horas dentro de uma condução, sai às ruas sob o risco de adoecer e de levar o vírus para casa.*

Edvaldo Pereira Lima (2014, p.19) realça a importância da exposição de detalhes e características dos ambientes e dia a dia dos personagens, já que “o modo como vivemos, as coisas que temos, o jeito como nos comportamos, as roupas que vestimos, o que carregamos conosco e o que colocamos no nosso quarto, na nossa casa, onde trabalhamos, tudo isso dá

sinais de quem somos”. O conhecimento dessas particularidades, como quantos cômodos há em suas casas, o horário que costumam acordar ou quem são os responsáveis pela renda familiar, indicam ao leitor o perfil e contexto em que vivem as pessoas retratadas e o ajuda a compreender suas situações econômicas e sociais.

Da mesma forma que, ao representar esses perfis, a reportagem está também apresentando recortes de determinadas realidades, que podem tanto permitir que o leitor conheça e tenha acesso a um cenário de vida diferente do seu, como se identificar com alguma das histórias manifestadas. Assim, a matéria conecta múltiplas realidades dentro de um mesmo contexto, aprofundando questões e destacando particularidades que se ligam em um âmbito geral. Eduardo Belo (2019, p. 35) acentua que ao receber uma dimensão humana, o texto desperta interesse, bem como acaba “revelando o que está oculto e estabelecendo as ligações entre os fatos além da conjuntura e do movimento sobe-desce do dia”. Esses trechos, portanto, demonstram que as duas profissionais não são simples fontes para demonstrar a objetividade buscada na reportagem, mas personagens de histórias como tantas outras que são afetadas pela pandemia. Ressalta-se que a redação do texto também aponta para a característica antes analisada ao expor detalhes da rotina das duas personagens.

### 3.2.3 Hipertexto e links

Com caixas de texto que vão sequenciando informações e distinguindo as personagens, nos é permitido ter uma ideia geral de quem são aquelas pessoas, o que elas fazem e porque suas histórias estão sendo representadas nesse período. Recursos visuais e uma diagramação dinâmica nos imerge naquelas rotinas e ambientes e nos ajuda a compreender as condições de vida das personagens, assim, *Querer e Poder* mostra que um de seus diferenciais é a forma como apresenta seu conteúdo.

A singularidade estética visual da reportagem reflete o que João Canavilhas (2014, p. 23) fala sobre as ilimitadas possibilidades que a web oferece ao jornalista. Diferentemente dos meios comunicacionais impressos, na internet o repórter não possui preocupações de espaço e limitações visuais, o on-line oferece um vasto campo para que ele possa fazer livre uso de sua criatividade, “procurando encontrar a melhor maneira de oferecer toda a informação disponível de uma forma apelativa”. Com isso, o jornalista ganha um leque de opções ao abordar um tema no digital, bem como o público possui sua experiência de leitura enriquecida.

### 3.3. Reportagem: *Rap do Brasil profundo*

Mostrar o surgimento e a popularidade de uma batalha de rap no interior do Maranhão. Essa é a ideia geral da reportagem do Uol Tab, que parte de uma proposta simples e se desenrola em aprofundamentos que concedem valores originais ao tema, publicada em 9 de março de 2020. Com uma narrativa em primeira pessoa, o repórter Jardiel Carvalho (TAB.UOL, 2020) deixa bem claro seu envolvimento com o local retratado e seus sentidos acerca do assunto, ainda assim o destaque da matéria é outro. Apresentando o rap como um estilo musical que transpassa barreiras regionais e cria raízes em lugares onde não é popularmente conhecido, a reportagem ilustra o poder de transformação social da música através da história de seis MCs envolvidos nessa batalha, mostrando os impactos e mudanças que o rap gerou em suas vidas.

#### 3.3.1 Narração dos acontecimentos

A partir das falas, trajetórias, conquistas, sonhos e ambições dos personagens, podemos enxergar e compreender o contexto em que esses rappers estão inseridos e de que forma a música promove modificações nas suas realidades. Baseada nessas histórias, a reportagem segue se aprofundando em questões mais enredadas, pois ao selecionar determinados trechos do perfil dos personagens, o jornalista dá destaque ao cenário social, suas complexidades e transformações, refletindo sobre as influências que o indivíduo pode ter no seu ambiente e vice e versa. Os trechos a seguir traduzem um pouco desses traços:

*"O rap me salvou desse destino", diz. Até a relação com os familiares melhorou por conta das transformações que o ritmo trouxe para sua vida. Fek gravou um videoclipe de sua primeira música, "Unindo Forças", que foi para o YouTube.*

[...]

*"O rap acaba sendo um remédio distribuído para poucas pessoas", reflete. Ao lado de Precioso e MC Luquinhas, outro rapper da região, os irmãos têm um grupo de rap chamado Fortemente. Maicão espera que o ritmo possa ser uma libertação também no sentido financeiro. Vindo de família humilde, o MC sonha poder mudar sua realidade por meio da arte e da música.*

A reportagem pontua e introduz esse contexto social no decorrer do texto sem deixar de lado as particularidades de cada personagem, como salienta Belo (2019, p. 89). "Da entrevista, capta o detalhe, a percepção humana das coisas, o caráter psicológico dos

personagens e a impressão que os fatos causaram a quem os vivenciou”. Dessa forma, a matéria reproduz a importância da disposição subjetiva dos acontecimentos, já que por trás das falas e sentidos das histórias dos personagens estão ocultas diversas alegorias e que sem essas manifestações talvez não fosse possível acessá-las.

### 3.3.2 Descrições pormenorizadas e destaque aos detalhes

Com descrições de ambientes e acontecimentos, analisa-se também nesse tópico em conjunto as características destaque aos detalhes e descrições pormenorizadas, mais um recurso utilizado pelo autor para reforçar seu ponto de vista durante a reportagem. Narrando os primeiros parágrafos do texto em primeira pessoa, logo no início o leitor tem a impressão de que está abrindo um livro. Ao optar por um relato pessoal, imprimindo suas próprias lembranças e impressões de vida, o repórter não apenas promove uma aproximação com o público, como também o carrega junto para dentro da cena, vendo o que ele vê, ouvindo o que ele ouve, fazendo, como já pontuado por Lima (2014, p. 15), “com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata”.

Dessa forma, lembrando o que Antônio Soares Amora (1973, p. 85) esclarece, a produção artística do escritor, consegue atuar de forma mais profunda no psiquismo do leitor do que a própria realidade, uma vez que, “não temos, para captá-la, nem a sensibilidade, nem a intuição do artista”. Assim, através de um relato intimista a reportagem consegue incutir uma parcela mais realista em sua narrativa e apresentar ao público um contexto mais vívido, como mostrado a seguir:

*Em uma dessas noites quentes no delta do rio Parnaíba, uma molecada se juntou na praça da cidade com uma garrafa de café e começou a fazer rima.*

*Fazia cinco anos que não voltava para a cidade em que nasci e cresci. Andando pelo centro, de repente, um susto: toca alto uma música dos Racionais MC's onde só se escutava forró e brega. No coreto da praça, uns moleques estavam fazendo uma batalha de rimas. "É o rap de Araiões invadindo a cena / tudo o que vai, volta / menos a morena." Com esses versos nasceu a Batalha do Café na cidade de 43 mil habitantes, fundada por indígenas arayos.*

Com uma narrativa em primeira pessoa, o jornalista se coloca como personagem observador da reportagem. Ao adotar tal técnica ele consegue dar maior realismo e imersão aos acontecimentos narrados. Wolfe (p. 79) sublinha que os recursos literários, como ponto de vista

do autor, possuem a capacidade de ativar memórias no leitor por meio das próprias lembranças do escritor. Segundo ele, é esse aspecto que faz com que a leitura seja envolvente e absorva quem está lendo, já que as memórias próprias do autor ao serem relatadas “criam dentro da mente do leitor todo um mundo que ressoa com as emoções reais do próprio leitor. Os eventos meramente ocorrem na página, impressos, mas as emoções são reais”.

### 3.3.3 Atribuições estéticas ao texto

Ao adotar uma construção estética literária no texto jornalístico, a reportagem proporciona uma potencialização das qualidades dos dois estilos, dá à realidade mais sabor, desperta mais o interesse e confere maior singularidade ao fato. Nídia Sofia Faria (2011, p.14) afirma que tanto no jornalismo quanto na literatura o real está presente, porém em intensidades e formas divergentes. Assim “o jornalista assume, tal como o escritor, o papel de ‘contador de histórias’, e tanto um livro como um jornal possuem equivalente propensão para provocar emoções e sensações no leitor”. É o que podemos observar nos recortes a seguir.

*Os MCs parecem dois boxeadores. Antes do combate, uns olham para baixo e se concentram. Outros se estudam, encaram o rival, fazem cara feia. Quando começa o duelo, no lugar da troca de socos, disparam ofensas e críticas no tempo do beat. No primeiro round, cada um tem 30 segundos para atingir o rival. No segundo round, a ordem dos oponentes se inverte, e a porradaria verbal segue.*

[...]

*Na batalha, os rappers apontam o dedo e gritam tanto na cara do rival que até saltam as veias do pescoço. Como fazem os boxeadores no final das lutas, eles se cumprimentam e se abraçam. Eles se despedem, pegam suas motos, atravessam a cidade deserta e se perdem na vastidão da noite e do Brasil.*

Através dos trechos acima, percebe-se a marca da autoria do jornalista por toda sua reportagem, primeiro ao conceder um recorte específico a um fato que poderia ser retratado de diversas formas mais habituais em matérias jornalísticas (é comum ver com frequência reportagens sobre competições de rap, mas é menos usual ler sobre a propagação desse estilo no interior da região Nordeste), e segundo ao incutir uma narrativa pessoal em seu texto.

### 3.3.4 Transformação de fontes em personagens

O foco principal da reportagem está, contudo, nos personagens. A narração em primeira pessoa é só mais um recurso utilizado para dar voz às pessoas do rap. Logo após oferecer uma breve contextualização sobre o estilo musical, a reportagem se centra nos personagens que fazem parte da competição, na sua criação e como, a partir da música, suas vidas foram transformadas. Assim, é possível ver que, mesmo sendo carregada das impressões do repórter e trabalhada esteticamente, *Rap do Brasil profundo* trata, sobretudo, da realidade desse evento e dos personagens que o permeiam, assim como elucida o trecho abaixo:

*Filho de pai músico, Fek passou uma parte da vida em Fortaleza (CE). Foi um período marcado por situações que poderiam tê-lo feito pegar o "caminho errado", diz o MC.*

*Preocupada com o futuro do filho, sua mãe decidiu mandá-lo para viver com parentes em Araioses porque temia que ele se envolvesse com o crime crescente na capital cearense.*

“Ao jornalismo, não basta parecer honesto e bem-feito. Precisa ser profundamente calcado na realidade. Mesmo quando romanceado”. As palavras de Eduardo Belo (2019, p. 45) relembram que, independente dos recursos estéticos e literários que podem ser adotados no texto, a reportagem jornalística sempre trabalha com o real como sua principal matéria-prima, sendo isso que o diferencia de uma obra literária.

### 3.3.5 Hipertextos e links

Apesar de contar com recursos visuais mais neutros, se comparados às duas outras reportagens analisadas, que exploravam fortemente esses elementos para complementar seus textos, *Rap do Brasil profundo* se utiliza de uma diagramação dinâmica e mídias visuais para acrescentar personalidade à reportagem. Salaverría (2014, p. 47-48) pontua que o primeiro requisito para a elaboração de uma produção multimídia deve ser o casamento temático entre todas as mídias presentes na reportagem. “Deve assegurar-se de que os elementos sejam compatíveis e de que se enriqueçam mutuamente”. Tal condição pode ser observada claramente na reportagem do Uol Tab, que aborda o tema harmonizando texto e imagens. Através da construção de uma diagramação desenvolta, os recursos multimídias conseguem aproximar o leitor do assunto narrado, dando rosto aos personagens retratados e ambientando o conteúdo ao cenário representado.

#### 4. Conclusão

Com base nas pesquisas realizadas em relação ao tema, e após análise das três reportagens, pode-se constatar a presença de elementos do jornalismo literário no meio digital, mais especificamente no site Uol Tab, no qual observa-se a reprodução de características do gênero em seus conteúdos, a partir dos objetos de estudo. Descrições pormenorizadas, narração dos acontecimentos, destaque aos detalhes, transformação de fontes em personagens e atribuições estéticas ao texto foram os principais elementos do jornalismo literário percebidos, bem como hipertextos e links, uma característica do jornalismo digital que auxilia e potencializa os recursos jornalísticos literários.

É importante ressaltar que, apesar de apenas três, as matérias analisadas destacam-se por possuírem mais elementos e técnicas literárias do que a maioria dos conteúdos disponíveis normalmente no meio on-line. Tais características enriquecem a produção e o dever jornalístico, reforçando seu compromisso de transmitir informações, contar histórias, conectar fatos e apresentar realidades desconhecidas. Ao público, o jornalismo literário oferece, não apenas um texto de qualidade com uma narrativa instigante, como também a oportunidade de reflexão e conhecimento. Exatamente como o assinalado por Amora (1973, p. 61) em relação à literatura: ao longo de uma leitura é sempre possível se formar no leitor um mundo de reverberações psíquicas, mostrando que um escrito pode ser muitos mais do que parece ser. A realidade retratada sob um olhar objetivo e conciso, cumpre a função do jornalismo de informar, de tornar público os fatos, e em meio à massa de informações produzidas e a rapidez e instantaneidade com que são noticiadas, torna-se necessária a possibilidade de encontrar o que se precisa saber em apenas um parágrafo. Porém, tão importante quanto isso, é o papel do jornalista, como agente social, de desvendar o que está nas entrelinhas desse parágrafo, aprofundar os acontecimentos cotidianos, contextualizar e desvendar o que está por trás dos fatos corriqueiros.

Como verificado nas reportagens do Uol Tab, o jornalismo literário tem a capacidade de fazer emergir as complexidades que estão escondidas nos elementos do lide: o que, quem, quando, onde, como e porquê. Muito mais do que representar um acontecimento, as reportagens vão a fundo e mostram um panorama geral daquele fato e conectam os elementos por trás dele. Na matéria *Covid-19 e os sentidos* nos é apresentada a rotina de uma UTI em meio

a uma pandemia. O tema por si só já desperta interesse, mas a reportagem torna-se ainda mais incitante quando aponta todos os sentidos e emoções que permeiam esse ambiente através dos seus personagens, assim os fatos passam a ter cheiros, gostos, sons, formas e toques.

Ao colocar os profissionais de saúde em primeiro plano, expressando seus medos e angústias, esperanças e aprendizados, a reportagem humaniza as pessoas que estão combatendo o coronavírus na linha de frente, e mostra que eles não são heróis porque são imbatíveis e resistentes, mas sim porque são pessoas com fraquezas e sentimentos como todos e que, por isso mesmo, merecem ainda mais respeito e valorização. Com isso, a jornalista consegue ir além do que a pauta propõe, aprofunda essa rotina para conhecer e mostrar quem faz parte dela, e, dessa forma, atribuiu significados a essas pessoas, a seus trabalhos e à situação difícil e incomum que o mundo está passando.

A atribuição estética literária ao texto torna-se essencial para que esses significados possam ser transmitidos e compreendidos. A opção por construir sua narrativa com descrições, diálogos, narração, personagens, etc. foi fundamental para imergir o leitor naquele cenário, para que ele pudesse se colocar no lugar de quem está enfrentando e vivendo lá diariamente. Dividir a matéria por subtítulos e retratá-la através dos sentidos torna o tema ainda mais vivo e próximo do leitor, desmanchando a ideia de frieza e impermeabilidade que cerca um hospital e as pessoas que convivem lá.

Semelhantes objetivos são atingidos na matéria *Querer e Poder*, que também consegue mergulhar o leitor no cenário através das descrições, narrações e personagens, e por meio disso proporcionando maior compreensão daquelas realidades. Porém, diferentemente da primeira reportagem, essa consegue uma aproximação do público com as histórias contadas através também da identificação, uma vez que o leitor consegue se sentir representado pelo menos por uma das duas histórias apresentadas. Assim, *Querer e Poder* tem destaque ao se aprofundar em uma parcela de uma realidade vivida por todos, conseguindo oferecer uma nova visão de um assunto tão amplamente explorado.

O mesmo é feito na terceira reportagem, *Rap do Brasil profundo*, que já trabalha com um tema mais inusual, colocando uma lupa sobre esse evento e desvendando todas as relações sociais que há nele. Ao narrar os acontecimentos e trajetórias de uma competição de rap no interior do Brasil e a história de seus integrantes, a reportagem nos desperta para o contato com o desconhecido e nos faz refletir sobre realidades não tão distantes assim.

A particularidade mais marcante na terceira reportagem, porém, é a narração em

primeira pessoa, revelando as lembranças e sentimentos do autor. Welck e Warren (2003, p. 7) apontam que o lado expressivo, que comunica o tom e a postura do escritor, é uma das características mais marcantes na linguagem literária. Tal aspecto pode ser notado em todas as reportagens analisadas, as quais deixam claras as impressões e opiniões dos jornalistas em maior ou menor grau, constituindo um dos principais diferenciais das matérias jornalísticas convencionais, que prezam pela voz impessoal dos autores nos textos. Sem a tentativa de mascarar suas marcas no texto, os repórteres conseguem reproduzir com mais liberdade suas percepções, concedendo personalidade e estilo à escrita, bem como se aproximar do leitor, mas sem deixar de narrar os fatos como pede o jornalismo.

Como mencionado por Lima (2014, p. 23), antes de profissionais, os jornalistas são pessoas, como tal é impossível não deixar transparecer suas ideias acerca de determinado tema, e tanto melhor quando isso é feito de forma livre e desimpedida, pois uma das melhores qualidades em se conhecer histórias é saber quais foram as impressões de quem as está contando. Como já destacado nesse trabalho, pessoas gostam de ouvir histórias sobre pessoas, e que também são contadas por outras pessoas, caso dos jornalistas.

Dessa forma, é necessário ressaltar também uma das principais habilidades que se requer dos jornalistas literários e que foram percebidas nas reportagens do Uol Tab. Pena (2006, p. 55) pontua que, de nada adianta possuir desenvoltura textual e criatividade no uso das técnicas literárias, se o jornalista não tiver a sensibilidade para pô-las em prática. Desde a escolha da pauta e dos personagens, até a seleção das informações e construção da narrativa, é possível observar a marca e a sensibilidade que os profissionais tiveram ao retratar os temas, deixando isso ainda mais evidente ao expor suas impressões.

Na análise das reportagens também é possível perceber o fértil meio que a internet se mostra para esse tipo de jornalismo. As ilimitadas possibilidades de diagramação e recursos visuais e multimídia oferecidas no on-line auxiliam na transmissão e compreensão das mensagens que o jornalista pretende passar, bem como proporciona um enriquecimento do conteúdo e dos elementos e características de ambos os gêneros, literários e jornalísticos.

Nas matérias do Uol Tab observa-se o uso e combinação desses recursos como uma forma de dinamizar e complementar o tema explorado, conferindo um diferencial à reportagem, que se destaca dos outros meios, configurando o dever do jornalista de sempre buscar novos artifícios comunicacionais para se sobrepôr à massa de informações, muitas vezes fragmentadas e sem contextualização do jornalismo tradicional. Aliás, deveria ser essa a tradição do

jornalismo: com mais características da literatura e, quem sabe, não seria tão criticado pela falta de aprofundamento.

Por todos esses aspectos, é possível pensar que as matérias analisadas possuem outra condição do jornalismo literário apontado por Pena (2006) como a perenidade. Ou seja, o valor atemporal que elas ganham ao retratar com profundidade temas que marcam um período histórico, e que, portanto, auxiliam na compreensão desse período e da sociedade.

Diferentemente das matérias convencionais que são renovadas a cada dia e com um “prazo de validade”, essas conseguem manter sua função informacional por tempo indefinido.

Com tudo isso, somos levados a concluir a importância do encontro do jornalismo com a literatura e a necessidade de contar com mais frequência com a sua presença nos meios comunicacionais jornalísticos, tanto para o aprofundamento e contextualização dos fatos, quanto para estimular uma produção de conteúdo de qualidade e sensibilidade, que não apenas desperta interesse, como também compele à instrução do público. Evita-se, assim, a fragmentação das notícias rápidas e curtas, que, apesar de cumprir seu dever em informar, não produz nem incentiva o conhecimento e a reflexão.

## Referências

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 3. ed. - São Paulo: Cultrix, 1973.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2019.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João. (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros Labcom, p. 930, 2014. Disponível em: < <http://labcom.ubi.pt/livro/121>>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

CARVALHO, Jardiel. **Rap do Brasil profundo**. Disponível em <<https://tab.uol.com.br/edicao/batalha-do-rap/index.htm#page1>>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

DRAVET, Florence. Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. (org). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2. ed. – São Paulo: Escrituras Editora, p. 85-91, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Nídia Sofia. **Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características.** 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cp/210>>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MARASCIULO, Marília. **Querer e Poder.** Disponível em <<https://tab.uol.com.br/edicao/quarentena#page1>>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

NAÍSA, Letícia. **A covid-19 e os sentidos.** Disponível em <<https://tab.uol.com.br/edicao/utiemilio-ribas/index.htm#page4>>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros Labcom, p. 31-57, 2014. Disponível em: <<http://labcom.ubi.pt/livro/121>>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e Jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. (org). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra.** 2. ed. – São Paulo: Escrituras Editora, p. 47-52, 2005.

WARREN, Austin. WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <[http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Teoria-da-Literatura\\_Ren%C3%A9-Wellek-e-Austin-Warren-1.pdf](http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Teoria-da-Literatura_Ren%C3%A9-Wellek-e-Austin-Warren-1.pdf)> Acesso em: 21 de setembro de 2020.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZIBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008. Disponível em: <<http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/4849.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.